

O Que Realmente Importa? Uma filosofia para o tempo e para a eternidade¹

*Hermisten Maia Pereira da Costa**

“Ora, se conseguirmos fazer com que os homens fiquem a formular perguntas assim: ‘isto está em consonância com as tendências gerais dos movimentos contemporâneos? É progressista, ou revolucionário? Obedece à marcha da História?’ então os levamos a negligenciar as questões efetivamente relevantes. E o caso é que as perguntas que assim insistirem em formular são irrespondíveis; visto que não conhecem nada do futuro e o que o futuro haverá de ser dependerá muitíssimo, exatamente, daquelas preferências a propósito das quais buscam socorro do futuro. Como consequência, enquanto suas mentes ficam assim a zumbir nesse verdadeiro vácuo, temos nossa melhor oportunidade de até imiscuir-nos para forçá-los à ação correspondente aos nossos propósitos. A obra já realizada neste sentido é enorme” – C.S. Lewis, *Cartas do Interno*, São Paulo: Vida Nova, 1964, p. 160-161.

“A capacidade de pensar clara e corretamente é uma bênção maravilhosa de Deus” – John MacArthur Jr., *Abaixo a Ansiedade*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 32.

O filósofo católico francês Jean Guitton (1901-1999) respondendo a questões relativas à nossa existência, a certa altura, diz: “Durante toda a minha vida, meu pensamento esteve ocupado pelo problema com o qual todos se defrontam: o sentido da vida e da morte”.²

* *Hermisten Maia Pereira da Costa é Ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil e Diretor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.*

¹ *Palestra ministrada no dia 23/10/08 no encerramento do IV Congresso Internacional de Ética e Cidadania, intitulado Filosofia e Cristianismo, realizado no período de 21 a 23 de outubro de 2008 na Universidade Presbiteriana Mackenzie, promovido pela Chancelaria e Escola Superior de Teologia da UPM.*

² Jean Guitton, Grichka Bogdanov e Igor Bogdanov, *Deus e a Ciência, em direção ao metarrealismo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p. 14.

Segundo os filósofos da antiga Grécia, a filosofia tem como uma de suas molas propulsoras, a angústia. De fato, na filosofia encontramos também a experiência da fraqueza, da debilidade, da questão sempre presente: por que o ser e não o nada?!

Quando o ser humano se confronta com a situação de limite, constata que o seu ser está para o não-ser de forma dramática, pois, ele se depara como que diante de um espelho que revela a imagem da sua finitude, pobreza e limitação... Este quadro nos conduz à angústia e ao sentimento de perdição. A vida por trás destas lentes mostra-se como incerta e insegura.

Esta preocupação não é "privilégio" do homem do século XXI. Heráclito (c. 544-c. 484 a.C.) já falava da transitoriedade do ser.³ Parmênides, seu contemporâneo, trata da aparência do ser.⁴ Este assunto também não escapou aos escritos de Platão (427-347 a.C.)⁵ e de Aristóteles (384-322 a.C.). Os medievais, por outro lado, acentuaram a contingência do ser, e no final da Idade Média, constata-se uma "tenebrosa melancolia",⁶ período de grande ansiedade.⁷

Apesar de esta temática ser antiga, este sentimento caracteriza de forma marcante o homem do século XXI, possivelmente, pela dificuldade de aceitá-la, pelo problema de relacionamento, de boa vizinhança.

Aqui, os existencialistas, de modo especial, encontraram um lauto banquete para os seus escritos: "Descobrir a morte é descobrir a fome de imortalidade", escreveu o existencialista espanhol Miguel de Unamuno (1864-1936);⁸ Paul Tillich (1886-1965), por sua vez, declara: "A ansiedade ante o destino e a morte controla as vidas mesmo daqueles que perderam a vontade de viver".⁹

Martin Heidegger (1889-1976) assinala que o homem é o eterno inacabado, estando constantemente à procura de algo que o complete; por isso, ele está sempre de passagem, sempre a caminhar, nunca pára, pois ele está a todo tempo precisando de um acabamento; é um projeto, ser incompleto que busca o seu aperfeiçoamento.

³Veja-se: Heráclito, *Fragmentos*, 12, 49a, 88.

⁴Veja-se: Parmênides, *Fragmentos*, 3.

⁵Veja-se: Platão, *Apologia de Sócrates*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. II), 1972, 28b-29b. p. 20-21.

⁶Johan Huizinga, *O Declínio da Idade Média*, São Paulo: Verbo/EDUSP., 1978, p. 31.

⁷Veja-se: Johan Huizinga, *O Declínio da Idade Média, passim*. Tillich denomina a ansiedade predominante nos fins da Idade Média de "ansiedade moral" e "ansiedades da culpa e da condenação" (Paul Tillich, *A Coragem de Ser*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 44 e 45). Ver também: Paul Tillich, *História do Pensamento Cristão*, p. 210ss.; Rollo May, *O Significado de Ansiedade*, Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p. 175ss.; Timothy George, *A Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 25ss.; Jean Delumeau, *História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*, 2ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1993, *passim*.

⁸Miguel de Unamuno, *Do Sentimento Trágico da Vida*, Porto: Editora Educação Nacional, 1953, p. 81.

⁹Paul Tillich, *A Coragem de Ser*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 9.

A morte que tanto angustia o homem é, ao mesmo tempo, individualizante, pois dá consciência da autenticidade da vida de cada um; ela é minha, individual, intransferível. A morte é coisa personalizada; é aquilo que o homem tem de mais autêntico; afinal, o homem nada mais é do que um-ser-para-a-morte.

O homem vive no mundo da possibilidade, contudo, debaixo de toda possibilidade humana, agradável ou desagradável, se esconde temporariamente (nunca sabemos por quanto tempo) a alternativa imanente do insucesso, do fracasso e da morte, enfim, há a sombria presença da possibilidade do "impossível" tornar-se possível e vice-versa. Isso gera angústia.

A angústia gera o pensar, o analisar, o "conhece-te a ti mesmo" socrático. O homem com suas incógnitas, diante do destino e da morte, é conduzido de forma enfeitiçante pela análise do "eu" e, num ato subsequente, na correlação eu-mundo-tu-apartir-de-mim. Deste modo, podemos dizer que na filosofia, num primeiro momento, o "homem é a medida de todas as coisas". Todavia, a verdadeira filosofia não se esgota neste primeiro momento; ela reconhece além de si, a sua existência, daí a dimensão do Outro.

Diante da angústia ante o destino e a morte, algumas das perguntas simples, mas, ao mesmo tempo, inquietantes, são: De que valem as nossas crenças ou a falta delas? O ser para a morte tem alguma relevância em meu ser enquanto tal no tempo? Você estaria disposto a morrer por aquilo que acha ser a razão do seu existir? O que realmente importa?

1. Nada Podemos Contra a Verdade.

Paulo, apóstolo e filósofo, escreve em meados do primeiro século à igreja da cidade portuária de Corinto: *"Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade"* (2Co 13.8). Paulo diz que nada podemos, não temos poder (δύναμις) algum contra a verdade (ἀλήθεια). Ou seja, somos totalmente impotentes quando agimos contra a verdade; ela sempre reaparece como que das cinzas a que a julgávamos condenada. Como acuradamente interpreta Renan (1823-1892): "Notai que nenhuma verdade se perde, que nenhum erro se fixa".¹⁰

A verdade é o que é:¹¹ "Ainda que o mundo inteiro fosse incrédulo, a verdade de Deus permaneceria inabalável e intocável".¹² No entanto, uma questão que em nossos dias possivelmente viria antes dessa, é: por acaso você acredita em verdades absolutas?

¹⁰ Ernest Renan, *O Futuro da Ciência*, Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1950, p. 15.

¹¹ "O verdadeiro é o que é em si (...) é o que é" (Agostinho, *Soliloquios*, São Paulo: Paulinas, 1993, II.5.8. p. 76-77).

¹² João Calvino, *Gálatas*, São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 2.2), p. 48-49.

A verdade revelada nas Escrituras é a realidade como Deus a percebe. Deus percebe as coisas como são. Antes de atribuirmos valor à verdade, ela já o tem porque foi Deus quem a criou e lhe confere significado. A verdade é uma expressão de Deus em Si mesmo e na criação. Deus é a verdade, opera por meio da verdade e nos conduz à verdade. A graça de Deus opera pela verdade e, nesta verdade que foi ouvida e compreendida, frutificamos (Cl 1.6). “A verdade é aquilo que é consistente com a mente, a vontade, o caráter, a glória e o ser de Deus. Sendo mais preciso: *a verdade é a auto-expressão de Deus*”.¹³

O Cristianismo revela a sua coerência lógica e espiritual pelo seu comprometimento com a verdade. Não há relevância na mentira. A proclamação cristã insiste no fato de que Deus é verdadeiro e que Ele Se revela, dando-Se a conhecer. As Escrituras enfatizam esta realidade que confere sentido a toda a nossa existência, quer aqui, quer na eternidade. Deus é transcendente e pessoal; Ele se relaciona pessoalmente conosco.

Contudo, dentro da perspectiva “pós-moderna” há uma crise epistemológica forjada, que gera a concepção de que a verdade, se existe, é inacessível; daí o abandono da procura da verdade e, conseqüentemente, a carência de ensino sobre a importância da verdade e sobre valores considerados verdadeiros.¹⁴

Dentro desta perspectiva, procurando evitar o perigo de um agnosticismo absoluto – que seria um suicídio intelectual e da própria tese –, admite-se a verdade dentro do universo singular de cada indivíduo; deste modo, a sua verdade é sua e não tem nenhum valor objetivo, portanto, não há nada nela de universalizante. Deste modo, de posse de minha verdade procuro vivê-la dentro das dimensões de minha subjetividade e nada mais.

O educador Paul Spears observa que “o treinamento de alunos sobre como chegar à verdade pela razão é algo que já foi abandonado porque, a idéia de que alguém pode ter realmente acesso à verdade absoluta parece tolice”.¹⁵

Notamos então, que quando a verdade é considerada, tem apenas um sentido local e circunstancial: “Minha verdade”, “sua verdade”, “verdade de cada um”, “verdade para aquela época”, “verdade para aquele povo”, etc. Já observamos como no campo das ciências sociais evita-se emitir juízo de valor? Fala-se de “fenômeno”; deste modo, foge-se da questão do certo e errado; verdade e mentira. Apenas descrevo o “fenômeno”, palavra mágica, que faz-me dizer o “fato” como se manifesta dentro de minha percepção e mais nada. Atitude ingênua: como

¹³ John F. MacArthur, Jr., *A Guerra pela Verdade: lutando por certeza numa época de engano*, São José dos Campos, SP.: Editora Fiel, 2008, p. 30.

¹⁴ “Ao criar uma crise epistemológica, os questionamentos pós-modernistas rejeitam até a possibilidade da verdade, histórica ou qualquer outra” (Clyde P. Greer, Jr., *Refletindo Honestamente sobre a História*: In: John F. MacArthur, Jr. ed. ger. *Pense Biblicamente!: recuperando a visão cristã do mundo*, São Paulo: Hagnos, 2005, p. 411).

¹⁵ Paul Spears, Introdução à Filosofia. In: Paul Spears, et. al. *Fundamentos Bíblicos e Filosóficos da Educação*, São Paulo: Associação Internacional de Escolas Cristãs-Brasil, 2004, p. 13.

se fosse possível ter percepção sem uma gama enorme de valores que a referenciam dentro de meu universo epistemológico.¹⁶

Partindo desta perspectiva, a verdade passou a ser simplesmente construída; deste modo, não há lugar para absolutos. “Os pós-modernistas rejeitam totalmente a verdade objetiva. A verdade não é uma descoberta feita a partir do mundo externo. Antes, a verdade é uma *construção*”.¹⁷

No entanto, as Escrituras nos falam de verdade absoluta, acessível verificável e vivenciável. A Palavra de Deus nos desafia a conhecer a verdade e a praticá-la como testemunho de fé, certos de que o propósito de Deus para o homem é sempre perfeito; a Sua vontade é boa, perfeita e agradável: “*E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus*” (Rm 12.2).

2. A Verdade para a vida, para morte e para a eternidade.

Jesus Cristo é o clímax da Revelação; é a Palavra Final de Deus. Nele temos não uma metáfora ou um sinal, antes, temos o próprio Deus que Se fez homem. Por ser o próprio Deus encarnado Ele nos revela Quem é Deus da forma mais completa possível. Ao mesmo tempo, por ser genuinamente homem, pode nos dar a dimensão correta da verdadeira humanidade e, nos mostrar o que realmente importa.¹⁸ Aqui temos a máxima declaração de fé da igreja cristã: Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

O Evangelista João registra que na véspera da auto-entrega de Jesus Ele se despede de Seus discípulos, falando do Consolador – O Espírito Santo – e das tribulações pelas quais passariam (Jo 13-16). Há aqui uma transição muito importante e significativa: O Senhor após falar de seu sofrimento, considera-o como algo vencido, que deve servir de estímulo aos seus discípulos: “*Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo*” (Jo 16.33). A cruz, o Senhor bem sabia, faz parte essencial de Sua vitória.

Jesus agora faz esta oração intercessória a Deus por todos os Seus discípulos; tanto por aqueles imediatos, como também por nós (Jo 17.20-21). Esta oração está relacionada a todas as promessas anteriores. João mesmo faz a transição: “*Tendo Jesus falado estas cousas levantou os olhos ao céu...*” (Jo 17.1).¹⁹ Aqui há um

¹⁶ Ver Hermisten M.P. Costa, *Raízes da Teologia Contemporânea*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

¹⁷ Gene Edward Veith, Jr., *De Todo o teu entendimento*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 55-56.

¹⁸ “Jesus Cristo é a revelação final e especial de Deus. Porque Jesus Cristo era verdadeiramente Deus Ele nos mostrou mais plenamente com quem Deus era semelhante do que qualquer outra forma de revelação. Porque Jesus foi também completamente homem, Ele falou mais claramente a nós do que pode fazê-lo qualquer outra forma de revelação” (James W. Sire, *O Universo ao Lado*, São Paulo: Hagnos, 2004, p. 40).

¹⁹ “A oração pode ser vista como a *consumação* dos discursos. Ela mostra que a base sólida e firme de todos os fundamentos de conforto, admoestação e predições está no céu.

sentido espiritual; ele ora ao Pai que está nos céus. Os discípulos são testemunhas desta oração extremamente pessoal e intransferível de Seu Senhor.

O nosso Senhor tinha diante de Si a perfeita compreensão e domínio de Sua Missão e do tempo certo; Ele conhecia perfeitamente a Sua agenda; sabia a Sua hora: *“Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti”* (Jo 17.1).

Na Sua oração relata ao Pai: *“Eu lhes tenho dado a Tua Palavra...”* (Jo 17.14). A mensagem de Cristo se constitui num testemunho fidedigno e eloquente a respeito de Si mesmo e do Pai: Ele anunciava a Palavra de Deus.

O Cristianismo é uma religião de história. Ele se baseia em fatos os quais devem ser testemunhados, visto que eles têm uma relação direta com a vida dos que crêem. A fé cristã fundamenta-se no próprio Cristo: O Deus-Homem. Sem o Cristo Histórico não haveria Cristianismo. O “Cristo da fé” não pode moldar o “Jesus histórico”, antes, aquele é que deve ser moldado pela Revelação conforme o registro inspirado da Escritura por meio da qual podemos de fato conhecer a Jesus Cristo: verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Em outras palavras: submetamos a nossa fé à Escritura.

A força e singularidade do Cristianismo amparam-se na pessoa de Cristo, não simplesmente nos seus ensinamentos. O Cristianismo é o próprio Cristo. Dar testemunho significa trazer a público de forma apropriada algo experimentado e que não pode ser negligenciado.²⁰

Nós cremos num Deus verdadeiro, em quem temos vida; este é o testemunho da Igreja conforme a oração de Jesus Cristo: *“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro (ἀληθινός), e a Jesus Cristo, a quem enviaste”* (Jo 17.3).

Jesus Cristo é a verdade e o verdadeiro Deus a quem reconhecemos pela graça. Ele mesmo afirma: *“Eu sou o caminho, e a verdade (ἀλήθεια), e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”* (Jo 14.6). João dá testemunho da veracidade do Pai e do Filho: *“Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro (ἀληθινός); e estamos no verdadeiro (ἀληθινός), em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro (ἀληθινός) Deus e a vida eterna”* (1Jo 5.20).

O Espírito é a verdade, dando testemunho e nos conduzindo à verdade: *“Quando vier, porém, o Espírito da verdade (ἀλήθεια), ele vos guiará a toda a verdade (ἀλήθεια); porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos*

Ela liga todas as promessas ao trono de Deus. Aqui tudo é garantido. O capítulo não contém nenhuma sentença condicional” [William Hendriksen, *O Evangelho de João*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004 (Jo 17), p. 751].

²⁰ Veja-se: L. Coenen, et. al. Testemunha: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. IV, p. 610.

anunciará as coisas que hão de vir” (Jo 16.13). “... E o Espírito é o que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade (ἀλήθεια)” (1Jo 5.6).

Com a morte tão próxima, o que realmente importa?

3. A Verdade Objetiva de Deus.

Na Oração Sacerdotal Jesus Cristo diz ao Pai que proclamou a Sua Palavra que é a verdade: “*Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. (...) E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade*” (Jo 17.17,19). Analisemos aspectos desta verdade.

1) VERDADE REAL.

A Filosofia de Platão (427-347 a.C.) dizia que o nosso mundo é apenas de aparências; todavia, havia um modelo superior, imutável e eterno, do qual o nosso mundo é apenas uma cópia. Esta idéia permaneceu em Cícero (106-43 a.C.) e Fílon (c. 20 a.C. – c. 42 d.C.).²¹

No texto citado, Jesus nos diz que a Palavra de Deus é a *verdade = realidade*. O curioso, é que a palavra que os gregos usavam para se referirem ao mundo real (ἀληθινός), é da mesma raiz da palavra verdade (ἀλήθεια).²²

No Novo Testamento Jesus Cristo se autodesigna de verdadeiro pão do céu (Jo 6.32), videira verdadeira (Jo 15.1); sendo enviado pelo Deus verdadeiro (Jo 7.28; 1Ts 1.9/1Jo 5.20), que deve ser conhecido (Jo 17.3). No Apocalipse Jesus Cristo é identificado como o verdadeiro (Ap 3.7,15, 6.10), sendo as suas palavras e juízos fiéis e verdadeiros (Ap 15.3; 16.7; 19.2; 21.5; 22.6). O termo contrasta aquilo que é verdadeiro, genuíno, com o que é terreno (Hb 8.2; 9.24). Deus procura os verdadeiros adoradores (Jo 4.23/Hb 10.22).

Assim, em sua oração, Jesus Cristo, em certo sentido, nos diz que a Palavra de Deus é real, não apenas aparentemente. Se me permitirem usar tal expressão, diria que *a Palavra de Deus é a verdade verdadeira!*. “As Escrituras não são apenas a verdade inteira; elas são também o mais elevado padrão de toda verdade – a regra pela qual todas as alegações de verdade devem ser medidas”, enfatiza MacArthur.²³

Quando Jesus diz que a Palavra é a verdade, Ele de fato afirma que ela é a verdade para todas as esferas de nossa vida: academia, casamento, vida

²¹ Vd. Platão, *A República*, 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1993], 382e; 499c; 522a; Platão, *Timeu*, São Paulo: Hemus, (s.d.), 22d.

²² Vd. A.C. Thiselton, Verdade: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 1983, Vol. IV, p. 708-711.

²³ John F. MacArthur, Jr., *Princípios para uma Cosmovisão Bíblica: uma mensagem exclusivista para um mundo pluralista*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 49.

profissional, educacional, vocacional, lazer, ética, espiritualidade. A Palavra é a verdade de Deus para a totalidade de nossa existência, quer aqui, quer na eternidade.

2) VERDADE AUTORITATIVA.

A Bíblia não precisa de nosso testemunho para ser o que é. Ela é a verdade de Deus; quer creiamos quer não, aceitemos ou não. A autoridade da Palavra é decorrente da sua origem divina. *“Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo”* (2Pe 1.21)(destaque meu). Deste modo, a autoridade da Palavra é proveniente do Deus da Palavra, não daqueles que a proclamam.

A *Confissão de Westminster* declara: "a autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu Autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus".²⁴ Calvino (1509-1564), atento a isso, escreveu em lugares diferentes: "É chocante blasfêmia afirmar que a Palavra de Deus é falível até que obtenha da parte dos homens uma certeza emprestada".²⁵ Em outro lugar: ".... a Palavra do Senhor é semente frutífera por sua própria natureza".²⁶

Um padre romano, analisando os Puritanos nos Estados Unidos, concluiu: "Os nossos puritanos não estudavam a Bíblia como exegetas, ainda menos como racionalistas. Ela era a sua vida".²⁷ De fato, se, pelo Espírito recebemos a Bíblia como a Palavra autoritativa de Deus, não há lugar para relativismos; ela é a nossa vida; a Constituição de nosso crer e agir.

3) VERDADE QUE PERMANECE.

Como vimos, é comum em nosso tempo ouvir-se falar de *minha verdade, sua verdade e, verdade de cada um*. A verdade, quando muito, é local, pessoal e circunstancial. Não se fala mais em a verdade norteadora do nosso comportamento. O homem moderno relativizou a verdade; não considera mais a existência de absolutos: "Baseados na sua epistemologia, os homens não mais crêem nem mesmo na possibilidade da verdade absoluta", constata Schaeffer.²⁸ Isso tem implicações éticas, como observou Packer: "A cultura ocidental pós-cristianismo

²⁴ *Confissão de Westminster*, I.4.

²⁵ João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo: Paracletos, 1998, (1Tm 3.15), p. 98.

²⁶ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 3.6), p. 103.

²⁷ Padre R.L. Bruckberger, *A República Americana*, Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960, p. 31.

²⁸ Francis A. Schaeffer, *O Sinal do Cristão*, Goiânia, GO.: ABU/APLIC., 1975, p. 25.

duvida que haja absolutos morais”.²⁹ E isso é obvio. Se não há princípio orientador e regulador que permaneça, como pautar a nossa conduta por aquilo que é simplesmente subjetivo, relativo e, portanto, provisório?

A Palavra de Deus é a verdade que permanece, cumpre-se cabalmente; não apenas no passado, nem simplesmente no futuro; mas sempre. Na declaração de Jesus, percebemos a seriedade da Palavra: *“Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura”* (Jo 17.12). (destaque meu). Em outros contextos, Ele já dissera: *“Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão”* (Mt 24.35); *“... a Escritura não pode falhar”* (Jo 10.35).

Paulo no final de sua vida não deu um “salto no escuro” sem se perdeu em abstrações antes, declarou a sua inabalável confiança no Deus que conhecia e pelo qual dedicou a sua vida: *“... porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia”* (2Tm 1.12). ⁶ *Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado.* ⁷ *Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.* ⁸ *Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda”* (2Tm 4.6-8). Paulo não fala de hipóteses ou teorias, afirma sim a sua firme certeza na verdade de Deus.

4) VERDADE REVELADORA.

A verdade proclamada por Cristo revela o Pai (Jo 17.1,3-9,11,15,17,21-25) e aponta para o Filho (Jo 17.8,20). Além destas genuínas revelações, a Palavra nos diz o que somos e o que poderemos ser. A Palavra de Deus é o espelho que nos mostra tal qual somos – pecadores irremediavelmente perdidos –; no entanto, também nos mostra o que poderemos ser pelo Espírito que nos capacita. Ela é uma espécie de “geografia do coração” ou, uma “anatomia da alma”. “A Bíblia é a geografia da alma”.³⁰

A tomada de consciência da grandeza, da santidade de Deus, deve nos conduzir ao desejo de sermos santos conforme Ele é. A santidade de Deus realça o nosso pecado, dando-nos consciência da nossa pequenez e impureza; a perfeição absoluta de Deus revela os nossos pecados e as nossas imperfeições. O brilho da glória de Sua majestade torna mais patente as nossas manchas espirituais. Foi esta a experiência de Isaías diante da revelação de Deus: *“Ai de mim! Estou perdido! porque sou homem de lábios impuros, habito no meio dum povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos”* (Is 6.5). A proximidade de Deus, nos faz mais sensíveis a isto; a contemplação da gloriosa santidade de Deus, conforme registrada nas Escrituras, realça de forma eloqüente a gravidade de nosso

²⁹ J.I. Packer, O que é santidade e por que ela é importante?: In: Bruce H. Wilkinson, ed. ger. *Vitória sobre a Tentação*, 2ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 34.

³⁰ A.B. Langston, *Introdução à Teologia Sistemática*, 7ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 218.

pecado. Além de Isaías, outros servos de Deus ilustram este fato: Moisés, Jó, Ezequiel, Daniel, Pedro, Paulo e João (Vd. Ex 3.6; Jó 42.5-6; Ez 1.28; Dn 10.9; Lc 5.8; 1Tm 1.15; Ap 1.17), entre outros, tiveram, de modo doloroso, a percepção de sua pequenez, fragilidade e impureza diante de Deus, que é puro de olhos e não pode tolerar o mal (Hc 1.13)

Essa é uma das razões porque os homens odiaram a Cristo e a Sua Palavra: A imagem do que somos, muitas vezes se mostra terrível!

O Senhor mesmo nos diz: *“Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más”* (Jo 7.7). João registra: *“O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras”* (Jo 3.19-20). (destaque meu).

Por outro lado, a Bíblia também nos ensina aquilo que Paulo expressou enquanto preso em Roma: *“Tudo posso naquele que me fortalece”* (Fp 4.13). Deus torna possível os nossos impossíveis, fazendo-nos novas criaturas, gerando-nos espiritualmente para uma viva esperança em Cristo (Jo 3.3,5/Tg 1.18; 1Pe 1.3,23).

5) VERDADE LIBERTADORA.

a) O Conhecimento da Verdade.

“A tua palavra é a verdade (ἀλήθεια)” (Jo 17.17). .Aos judeus orgulhosos de sua suposta liberdade, Jesus Cristo diz: *“E conhecereis (γινώσκω) a verdade (ἀλήθεια), e a verdade (ἀλήθεια) vos libertará (ἐλευθερώω)”* (Jo 8.32).

O verbo *conhecer* (γινώσκω) e o substantivo *conhecimento* (γνώσις) denotam um conhecimento experimental que faz com que possamos discernir os fenômenos, compreendendo a realidade das coisas. Têm também, o sentido de conhecimento pessoal.

Este conhecimento é mais do que “saber”, é compreender a razão das coisas.

A Pedro, admirado de o Senhor lavar-lhes ao pés, Jesus diz: *“.... O que eu faço não o sabes (οἶδα) agora; compreendê-lo-ás depois (γινώσκω)”* (Jo 13.7).

Curiosamente, o verbo *conhecer* (γινώσκω) aparece sete vezes na *Oração Sacerdotal* [Jo 17.3,7,8,23, 25 (3 vezes)].

“E a vida eterna é esta: que te conheçam (γινώσκω) a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3).

“Agora, eles reconhecem (γινώσκω) que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as

receberam, e verdadeiramente conheceram (γινώσκω) que saí de ti, e creram que tu me enviaste” (Jo 17.7-8).

“Eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça (γινώσκω) que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17.23).

“Pai justo, o mundo não te conheceu (γινώσκω); eu, porém, te conheci (γινώσκω), e também estes compreenderam (γινώσκω) que tu me enviaste” (Jo 17.25).

Destaquemos alguns pontos:

- 1) A Vida eterna está em conhecer o Pai e o Filho: (3).
- 2) Por meio da Palavra os discípulos conhecem a Cristo e a Sua procedência: (7-8,25).
- 3) O mundo – os que não crêem –, não conhece a Deus: (25).
- 4) O Filho conhece perfeitamente o Pai: (25).³¹

b) Jesus Cristo, a Palavra Encarnada e o Seu poder Libertador.

A Palavra de Deus tem também um poder libertador. O problema desta declaração é o seu pressuposto extremamente desagradável ao ser humano: a sua condição de escravidão, distante de Deus e de Sua Palavra. E é justamente isto que Jesus Cristo está nos dizendo. Outra dificuldade na aceitação desta afirmação, é porque gostamos de afirmar a nossa liberdade e, de fato, além de gostar, nos sentimos livres. Jones capta bem a trágica questão: "O homem do mundo se jacta da sua liberdade e fala sobre 'livre pensamento'. A suprema realização do diabo consiste em persuadir o homem de que, justamente naquilo em que ele está mais estonteado e escravizado, é mais livre".³²

A liberdade concedida por Cristo é recebida pelo conhecimento dEle como nosso Senhor e Salvador (Jo 8.32/Jo 14.6). O conhecimento de Cristo já é uma revelação da graça de Deus: Sem a obra do Pai e do Espírito, nós jamais O receberíamos como nosso Salvador (Mt 11.27; 16.16,17; 1Co 12.3).

Na declaração de Cristo: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6), temos Nele a **verdade epistemológica** (Caminho); **verdade ontológica ou metafísica** (Verdade) e a **verdade existencial** (Vida). Em

³¹ “Entretanto, vós não o tendes conhecido (γινώσκω); eu, porém, o conheço (οἶδα). Se eu disser que não o conheço (οἶδα), serei como vós: mentiroso; mas eu o conheço (οἶδα) e guardo (τηρέω) a sua palavra” (Jo 8.55).

³² D.M. Lloyd-Jones, *O Combate Cristão*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991, p. 76.

Cristo temos o modelo de interpretação e conhecimento da verdade; a verdade absoluta personificada e a verdade que serve de padrão absoluto e final para a nossa existência.

4. O Cristianismo como a verdade que confere sentido à realidade.

“Uma verdadeira visão cristã de mundo começa com a convicção de que o próprio Deus falou nas Escrituras. (...) As Escrituras, portanto, são o modelo no qual devemos testar todas as outras declarações da verdade. A menos que esse conceito básico domine nossa perspectiva em toda a vida, não podemos legitimamente declarar termos adotado a visão cristã do mundo” – John MacArthur Jr., *Adotando a Autoridade e a Suficiência das Escrituras*: In: John MacArthur Jr., et. al. eds. *Pense Biblicamente!: recuperando a visão cristã de mundo*, São Paulo: Hagnos, 2005, p. 25.

Como dissemos, o cristianismo fundamenta-se na pessoa histórica de Jesus Cristo: o Deus encarnado que viveu morreu e ressuscitou. Sem o Cristo Histórico não haveria Cristianismo.³³ Sem esta realidade, a nossa fé seria totalmente vazia de sentido.³⁴ Reafirmamos: Cristianismo é Jesus Cristo; o Deus encarnado.³⁵ Como escreveu Bavinck (1854-1921): “Ele ocupa um lugar completamente único no Cristianismo. Ele não foi o fundador do Cristianismo em um sentido usual, ele

³³ Georges Duby (1919-1996), dentro de uma perspectiva puramente histórica, admite: “O Cristianismo, que impregnou fundamentalmente a sociedade medieval, é uma religião da história. Proclama que o mundo foi criado num dado momento e que, num outro, Deus fez-se homem para salvar a humanidade. A partir disso, a história continua e é Deus quem a dirige” (Georges Duby, *Ano 1000, ano 2000, na pista de nossos medos*, São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999, p. 16).

³⁴ “Para os Cristãos, Jesus é a personificação e a auto-revelação de Deus. No cerne da fé cristã está uma pessoa viva, não um livro” (Alister E. McGrath, *Paixão pela Verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo*, São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 33). “O cristianismo é singular entre todas as religiões do mundo. A razão de sua singularidade é a figura histórica que se constitui no seu centro – Jesus Cristo” (Alister E. McGrath, *Paixão pela Verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo*, p. 23). “A compreensão evangélica do íntimo relacionamento entre Jesus Cristo e a Escritura é tal, que um apelo a Cristo é simultaneamente um apelo à Escritura, assim como um apelo à Escritura é um apelo a Cristo” (Alister E. McGrath, *Paixão pela Verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo*, p. 44).

³⁵ “Cristianismo sem o Senhor Jesus Cristo não existe; não há nenhuma bênção de Deus ao homem no sentido cristão, exceto no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle. Qualquer coisa que se declare cristianismo sem ter Cristo no começo, no meio e no fim, é uma negação do cristianismo, dêem vocês a isso o nome que quiserem. Sem Cristo não há cristianismo; Ele é tudo” (D.M. Lloyd-Jones, *O Supremo Propósito de Deus*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996, p. 42).

é o Cristo, o que foi enviado pelo Pai e que fundou Seu reino sobre a terra e agora expande-o até o fim dos tempos. Cristo é o próprio Cristianismo. Ele não está fora, Ele está dentro do Cristianismo. Sem Seu nome, pessoa e obra, não há Cristianismo. Em outras palavras, Cristo não é aquele que aponta o caminho para o Cristianismo, Ele mesmo é o caminho”.³⁶

O Cristianismo é uma religião de fatos, palavra e vida. Os fatos, corretamente compreendidos, têm uma relação direta com a nossa vida. Portanto, o cristianismo não é apenas uma filosofia para discussões ou debates ociosos, antes nos fala de uma nova relação com Deus. Isto sim faz sentido e confere significado ao nosso tempo e à eternidade.³⁷

O cristianismo descreve o homem como criado à imagem e semelhança de Deus. Como tal o homem pode relacionar-se consigo mesmo, com o mundo e com Deus. A imagem de Deus é uma condição essencial para o seu relacionamento com Deus, e expressa, também, a sua natureza essencial: o homem é o que é, por ser a imagem de Deus: não existiria humanidade senão pelo fato de ser a imagem de Deus; esta é a nossa existência autêntica e toda inclusiva. “Ser humano é ser a imagem de Deus. Portanto, *imago Dei* descreve nosso estado normal. Não assinala algo que está dentro de nós, ou a algo acerca de nós, senão a nossa humanidade”.³⁸ A imagem de Deus não é algo colado ou anexado a nós podendo ser tirado ou recolocado. Antes, é algo essencial ao nosso ser. “A imagem de Deus é intrínseca à humanidade. Não seríamos humanos sem ela. De toda a criação, somente nós somos capazes de ter um relacionamento pessoal consciente com o Criador e de reagir a Ele”.³⁹ Portanto, o homem não simplesmente possui a imagem de Deus, como algo externo ou acessório, antes, ele é a própria imagem de Deus. O homem foi criado para se relacionar com o Seu Criador. Deus ao criar o homem conferiu-lhe uma identidade própria que o distinguiria de toda a criação.

Mas se o homem e a mulher se completam física, psíquica e afetivamente, constituindo assim a vida social – o que de fato está longe de ser isso irrelevante –, ambos têm uma matriz metafísica, transcendente: ambos procedem de Deus para viverem com e para Deus. Por isso, a questão que permanece na tela das atenções do homem, ainda que costumeiramente ele não saiba defini-la, é o seu encontro com Deus. Pela perda da dimensão do eterno o homem trilha por atalhos – mais ou menos sofisticados intelectualmente – que, quando muito, servem como paliativos para as suas angústias, mas, que ao final, aumentam ainda mais a sua dor e desilusão. Assim, o homem procura alento na filosofia, na arte, na filantropia, na religião, na diversão, no consumo, no sexo, no trabalho e nas drogas. Ainda que

³⁶ Herman Bavinck, *Teologia Sistemática*, Santa Bárbara d'Oeste, SP.: SOCEP., 2001, p. 311.

³⁷ Veja-se: D.M Lloyd-Jones, *Salvos desde a Eternidade*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2005 (Certeza Espiritual: Vol. 1), p. 49; D.M. Lloyd-Jones, *O Caminho de Deus não o nosso*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2003, p. 57.

³⁸ Gordon J. Spykman, *Teología Reformacional: Un Nuevo Paradigma para Hacer la Dogmática*, Jenison, Michigan: The Evangelical Literature League, 1994, p. 248-249.

³⁹ Millard J. Erickson, *Introdução à Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 207.

algumas dessas fugas possam ser úteis intelectual e socialmente, elas, por si só não resolvem a questão fundamental do ser humano.

Sem a dimensão metafísica da existência todo o nosso labor carece de sentido, pois o sentido não é conferido intrinsecamente pelo que pensamos por nós mesmos ou fazemos, mas em Deus, Aquele que confere significado ao nosso real. O homem como uma “síntese de infinito e de finito”⁴⁰ carece de um referencial que vá além de si mesmo. Em outras palavras, como ser finito que é, “ele não representa um ponto de integração suficiente para si mesmo”.⁴¹ Sem esse “ponto” o homem buscará referência apenas em tendências, moda, estatísticas ou no seu “bom senso”; ou seja: carecerá de absolutos. Sem absolutos a vida transforma-se em uma “novela das oito”: Tudo é permitido dentro do consenso do produtor, diretor e do grande público...

É justamente pelo fato do homem ter a impressão pessoal de Deus no mais alto grau é que ele necessita voltar-se para Deus. A nossa fome espiritual nada mais é do que o revelar o nosso vazio e a necessidade de que ele seja preenchido com algo que ultrapassa as nossas possibilidades. Daí o vazio ser o tema recorrente da humanidade.⁴² Algo nos falta, somos como que um recipiente rachado – “barril furado” na linguagem socrática⁴³ – que não consegue se completar; por isso, de certa forma podemos dizer que “o desejo é a própria essência do homem”.⁴⁴ Mas, o trágico é que o que buscamos para nos satisfazer nos escapa, a felicidade que procuramos torna-nos vezes sem conta ainda mais frustrados. Aqui está algo desalentador: “Parte da cruel ironia da existência humana parece ser que as coisas que, em nossa opinião, iriam nos fazer felizes, deixam de fazê-lo”.⁴⁵ Estamos fadados a sermos incompletos neste estado de existência. Podemos usufruir a alegria da comunhão com Deus, contudo, esta, ainda que seja radiante, é limitada nesta nossa condição de vida. Desejamos de fato voltar-nos para Deus. O sábio Salomão escrevera: *“Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim”* (Ec 3.11).

O trágico é que homem longe de Deus tentou de todas as formas a sua autonomia não alcançando a compreensão de que toda a vida é relacional. Portanto, se a *Idade Média* foi pretensamente o tempo de Deus, o *Renascimento* foi

⁴⁰ S.A. Kierkegaard *Desespero Humano, Doença Até à Morte*, São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores, Vol. XXXI), 1974, p. 337.

⁴¹ F.A. Schaeffer, *O Deus que Se Revela*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 39-40.

⁴² Ver: Alister McGrath, *O Deus Desconhecido: Em Busca da Realização Espiritual*, São Paulo: Loyola, 2001, p. 7.

⁴³ Platão, *Górgias*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, 493b-d. p. 132-133.

⁴⁴ B. Espinosa, *Ética*, São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores, Vol. XVII), 1973, IV.18. p. 244.

⁴⁵ Alister McGrath, *O Deus Desconhecido: Em Busca da Realização Espiritual*, p. 9. Calvino (1509-1564) comenta que “... enquanto todos os homens naturalmente desejam e correm após a felicidade, vemos quão quanta determinação se entregam a seus pecados; sim, todos aqueles que se afastam ao máximo da justiça, procurando satisfazer suas imundas concupiscências, se julgam felizes em virtude de alcançarem os desejos de seu coração” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 1 (Sl. 1.1), p. 51].

o tempo do homem, o *Iluminismo* o tempo da razão, o século XX da ciência e da técnica, hoje, não temos mais referências, o homem já não é o centro de todas as coisas, visto que já não há mais centro.⁴⁶ Estamos “perdidos no espaço”. Sem absolutos não sabemos ao certo o valor do homem e o seu papel no universo. Sem princípios universais não existem absolutos; sem estes, tudo é possível.

O humanismo renascentista – do qual somos herdeiros – sem dúvida, tomou uma parte importante da realidade, todavia, em geral, esqueceu-se da principal e, o mais lastimável de tudo, é que o esquecido é Aquele Quem dá sentido a tudo o mais. O problema da existência é uma questão basicamente metafísica. Aliás, o homem é um ser metafísico. A negação prática dessa realidade acarreta uma percepção errada e tristemente limitante da natureza humana. Por isso, o homem “pós-moderno” dispõe diante de si de todas as saídas possíveis, porém, nenhuma delas conduz ao “fim” necessário. Os seus pressupostos descartam o único caminho real do significado da vida e do ser: O Deus transcendente e pessoal. O Deus que Se revela como tal conferindo sentido a todo o real e à nossa existência.

Quero concluir esta introdução com as palavras de Calvino em dois momentos diferentes. No primeiro momento ele parece desprestigiar a filosofia, mas, o que destacamos é a sua compreensão do engajamento real de Jesus Cristo, que não apenas ensinou com palavras, mas, foi às últimas conseqüências dentro de Seu propósito redentor: “Não estamos assentados aos pés de Platão com o fim de aprender filosofia e a ouvi-lo discorrer à sombra sobre controvérsias inúteis, senão que a doutrina que professamos foi ratificada pela morte do Filho de Deus”.⁴⁷

Num segundo momento, ele nos fala do que entende ser a genuína filosofia: “A filosofia deveria guiar-nos para cima, para Ele, à medida que penetra os mistérios das obras divinas.....”.⁴⁸

O que realmente importa? As palavras de Cristo continuam tão vivas e reais como antes: “*vinde a mim todos vós....*”. “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida....*”. Esta aventura vale a pena tanto aqui como na eternidade. Ousemos filosofar!

São Paulo, 23 de outubro de 2008.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

⁴⁶ Cf. Gene Edward Veith, Jr., *Tempos Pós-Modernos*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 68.

⁴⁷ João Calvino, *As Pastorais*, São Paulo, Paracletos, 1998, (1Tm 6.13), p. 174.

⁴⁸ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, Vol. 2, (Sl 65.10), p. 618.